

**PARA UMA ABORDAGEM HISTÓRICO-
SOCIAL DA FALA RURAL DE CASTRO-PR:
A PRESENÇA DE TUPINISMOS**

Vanderci de Andrade **AGUILERA**
Universidade Estadual de Londrina
Celciane A. **VASCONCELOS**
Universidade Estadual de Londrina/PG

Resumo: Neste texto apresentamos um levantamento do léxico de base tupi do falar da região da cidade de Castro e dos topônimos regionais, também de base tupi, com o propósito de documentar os vestígios de tupinismos na linguagem oral, associando-os aos dados da história social da região.

Palavras chave: Castro, tupinismos, léxico, história social

Abstract: A survey of the lexicon and regional toponymy with a 'tupi' basis in Castro region is presented. The purpose is to document traces of 'tupisms' in the oral language, linking them to social history data of that region.

Key words: Castro, 'tupisms', lexicon, social history

Resumen: En este texto presentamos un levantamiento del léxico de base "tupi" del hablar de la región de la ciudad de Castro y de los topónimos regionales, también de base "tupi", con el propósito de que se documenten los vestigios de "tupinismos" en el lenguaje oral, asociándoles a los datos de la historia social de la región.

Palabras clave: Castro, "tupinismos", léxico, historia social.

Introdução

Neste texto apresentamos um levantamento do léxico de base tupi do falar da região da cidade de Castro e dos topônimos regionais, também de base tupi, com o propósito de documentar os vestígios de tupinismos na linguagem oral, por meio de (i) uma relação de itens lexicais da linguagem rural, em processo de arcaização, documentada nas cartas do Atlas Lingüístico do Paraná – ALPR – (Aguilera 1994); e (ii) conclusões parciais relacionadas à contribuição indígena na formação do léxico castrense.

Inicialmente, tecemos algumas considerações acerca da História Social do povoamento do solo paranaense, mais especificamente de Castro, situada nos Campos Gerais do Paraná, localidade escolhida para este estudo por se tratar de uma comunidade cujo povoamento teve início no século XVIII e por ter sido caminho das tropas nos séculos XVIII e XIX.

Assim, considerando que dados da História Social do Paraná e de Castro podem lançar luzes sobre a história da língua portuguesa falada nos séculos XVIII e XIX nessa região, relembramos alguns fatos históricos significativos para o processo de constituição do léxico de Castro.

1. Alguns dados da História Social do Paraná entre os séculos XVII e XIX

O processo de ocupação do território paranaense pelo elemento europeu fez-se gradativamente, a partir do século XVI, em diferentes momentos, por povos diversos.

Conforme se pode constatar, no volume 1 da Enciclopédia dos Municípios Brasileiros (1959), a região litorânea do Paraná não intimidou os primeiros europeus que aqui chegavam desde a primeira metade do século XVI, apesar das dificuldades de colonização enfrentadas devido à estreita faixa que avança da

Serra do Mar até as “encostas abruptas que se assemelham a muralhas”.

Na realidade, a colonização do litoral paranaense, pelos portugueses ou seus descendentes, só começa a partir da segunda metade do século XVII – ao contrário das outras regiões litorâneas do Brasil que foram ocupadas pelo menos um século antes. Isso não significa que a região estivesse isolada, haja vista a presença dos conquistadores espanhóis que aqui fundaram vilas/reduções destinadas à catequização dos vários grupos indígenas autóctones, como os tupis, os guaranis, os carijós e os tingüis.

Segundo os historiadores Cardoso e Westphalen, havia, na parte ocidental do Paraná, cerca de 200.000 índios, gradativamente extintos pela ação dos portugueses e suas bandeiras que vinham do litoral paulista interessados na exploração de minerais. Pelo fato de muitos indígenas converterem-se ao catolicismo, devido ao processo de catequização dos jesuítas espanhóis, a grande maioria serviu de “iscas” para os bandeirantes, que os escravizaram por mais de um século. Esse fato propiciou maior renda aos colonizadores, devido à “domesticação” para a realização do trabalho agrícola, que dispensou a mão-de-obra negra, dispendiosa no período.

O que facilitou, geograficamente, o trânsito das bandeiras e dos jesuítas missionários até o território paranaense foi a passagem pré-colombiana utilizada pelos índios guaranis do Paraguai, denominada Caminho do Peabiru. Esse processo migratório apresentou aspectos positivos no que tange à contribuição para o surgimento das primeiras vilas paranaenses, sobretudo na região oeste do futuro estado do Paraná, na divisa com o Paraguai e a Argentina. A primeira foi a Vila de Ontiveros, próxima à foz do rio Iguaçu – fundada em 1554 – e fracassada depois de três anos, dadas as freqüentes invasões dos índios hostis. Mais tarde, a Ciudad Real del Guairá foi erigida por esses mesmos habitantes, expulsos da Vila de Ontiveros. Alguns anos depois,

surge a Vila Rica del Espíritu Santu, fundada em 1576, no espaço hoje correspondente ao Norte Novíssimo.

Durante os séculos XVII e XVIII, a atividade mineradora, as bandeiras de preação de índios e a criação de gado foram responsáveis pela ocupação do planalto curitibano, tornando indispensável a mão de obra indígena para a realização das três atividades.

No caso da mineração, economicamente falando, ela não serviu de progresso para a coroa portuguesa nem para as populações fixadas neste local; no entanto, deu origem aos primeiros arraiais, tanto no litoral como no planalto curitibano, embriões das cidades de Paranaguá (1640), Curitiba (1668), Antonina (1714), Bocaiúva do Sul (1710), Morretes (1769) e São José dos Pinhais (1741). Durante esse ciclo econômico, adquirir escravo africano era muito custoso, por isso a preferência pelo escravo indígena, cuja contribuição para a formação do léxico rural paranaense pode ser constatada pela alta frequência de tupinismos, registrados nas cartas do ALPR, mas concentrados na região litorânea e no planalto curitibano.

Passado o ciclo do minério, a partir de 1730, outra fase econômica – a da criação e do comércio de gado - veio contribuir para o povoamento do território paranaense, incentivando a conquista de áreas até então desertas ao longo desse caminho, dando origem ao tropeirismo, que propiciou a formação dos núcleos populacionais conhecidos hoje como Lapa (1731), Ponta Grossa (1751), Castro (1751), Palmeira (1819), Jaguariaíva (1823), Rio Negro (1827) e Piraí do Sul (1872).

Por outro lado, as bandeiras, deslocando-se em direção ao oeste paranaense, continuaram a utilizar a mão de obra indígena nas atividades da criação do gado. Nessa época, segundo Cardoso e Westphalen (1986, p. 30), a população indígena já estava reduzida de 200.000 a cerca de 12.000, muitos dos quais enviados para São Paulo e demais regiões do Brasil.

Traçado um panorama histórico-social do Estado paranaense, apresentamos, no tópico seguinte, a contextualização

histórica e a discussão sobre a presença dos tupinismos na fala rural de Castro, tema central deste trabalho.

1.2 História Social de Castro

A presença das tribos indígenas e o constante contato com o elemento europeu e seus descendentes influenciaram não só os costumes regionais como também contribuíram para a constituição de um falar característico predominante nas povoações mais antigas do Paraná, que formam a região denominada por Cardoso e Westphalen (1986) de Paraná Tradicional e que compreendem o espaço ocupado durante os séculos XVII, XVIII, até a metade do século XIX. Esse falar característico abrange uma das áreas fonéticas estudadas por Mercer (1992) e uma das áreas dialetais estudadas por Aguilera (1994).

Para melhor compreender alguns aspectos lingüísticos da fala rural de Castro, é importante considerar os fatores geosócio-históricos, que podem ter influenciado na distinção dos falares paranaenses.

Situada na Zona Fisiográfica denominada Campos Gerais, Castro faz limite com os municípios de Ponta Grossa, Piraí do Sul, Tibagi e Cerro Azul.

Do volume 1 da Enciclopédia dos Municípios Brasileiros (1959), consta que, segundo a tradição,

Castro teve sua origem num desses “pousos” ou “currais” de tropeiros. Segundo Milleit de Saint’Adolphe, a localidade era uma morada de aborígenes, pertencentes à tribo dos “Guarapiabas” ou “Guarapuabas”, do grupo tupi, (ENCICLOPÉDIA DOS MUNICÍPIOS BRASILEIROS: 1959, p. 101)

o que motivou sua primeira denominação de origem indígena *Pouso do Iapó*, em referência ao rio que corta a cidade. Posteriormente, em 1774, recebeu o nome religioso de *Freguesia de Sant'Ana do Iapó*, época em que foi construída a primeira capela com esse nome na localidade. Em 1789, o povoado deixou de lado a motivação religiosa e a referência ao rio Iapó, para fixar a denominação de *Vila Nova de Castro*, que, por sua vez, foi simplificada, em 1857, para *Castro*. A atual denominação é uma homenagem a Martinho de Mello e Castro, Ministro dos Negócios Ultramarinos de Portugal, nos anos de 1785 e 1790¹.

Segundo Rocha Pombo (apud Enciclopédia dos Municípios Brasileiros: 1959), o caminho para São Paulo, pelos Campos Gerais, foi aberto desde os primeiros tempos do povoamento. O traçado cortava apenas alguns capões, onde os viajantes descansavam ou faziam suas pousadas, preferindo em geral o campo aberto, onde a conservação dos caminhos era muito mais fácil. Os primeiros moradores de Castro foram, pois, os paulistas originários de Sorocaba, Itu e Santos, atraídos pela notícia de que as terras do Pouso do Iapó possuíam excelentes qualidades para a lavoura e criação de gado.

2. A presença tupi na fala rural castrense

Para investigar a presença dos tupinismos nessa região, recorreremos aos dados constantes de duas obras: uma de caráter dialetológico e geolingüístico e outra, de natureza toponímica: Atlas

¹ O motivo da substituição do nome prende-se a um fato ocorrido na prisão de Limoeiro, em Portugal: O capitão Manoel Gonçalves Guimarães encontrava-se na prisão. De joelhos, pedia clemência e liberdade ao Ministro Martinho de Mello e Castro, e, logo em seguida, informando-lhe que morava no Brasil, numa florescente freguesia, na qual não havia justiça e os crimes ficavam impunes, mas se lhe fosse concedida a liberdade, trataria de elevar a freguesia à categoria de vila e, com o nome do ministro português, iria melhorar a vida dos que ali moravam. Tal pedido sensibilizou a autoridade que libertou o detento e este, reconhecido, empenhou-se para que a nova nomeação fosse uma realidade, em 1789.

Lingüístico do Paraná (Aguilera: 1994) e relatórios do Projeto ATEPAR².

Sobre a importância do trabalho dialetológico para subsidiar estudos diacrônicos e sobre o ineditismo desse recurso, AGUILERA (2002) discorre:

Apesar da importância de que se reveste um desses estudos como fonte de conhecimento para a reconstituição da história do português do Paraná, nenhum se deteve em investigar em que fase da história do povoamento e por intermédio de que grupos foram introduzidas palavras e expressões que até hoje permanecem no vocabulário ativo ou passivo do falante rural. (AGUILERA: 2002, p. 406).

Dessa forma, o trabalho dialetológico aqui proposto, auxiliado pela História Social do Paraná e de Castro, em particular, irá investigar a origem dos vocábulos, que representam a memória de um povo, traduzindo de forma singular a herança cultural de um determinado grupo de falantes.

O rol de nomes de origem tupi na fala castrense, estudados a seguir, foram documentados durante a pesquisa da Prof^a. Dr^a. Vanderci de Andrade Aguilera, para a elaboração do *Atlas Lingüístico do Paraná* (ALPR)³. Este Atlas compõe-se de 191 cartas (92 lexicais, 70 fonéticas e 29 sintéticas de isoglossas) realizadas junto a 130 informantes (dois por ponto

² O Projeto ATEPAR – Pelos caminhos do Paraná: atlas toponímico do Paraná, coordenado pela Dr.^a Maria Antonieta C. de Almeida, é desenvolvido no Departamento de Letras Vernáculas e Clássicas da Universidade Estadual de Londrina.

³ AGUILERA, Vanderci de Andrade. *Atlas Lingüístico do Paraná*. 2v. tese defendida na Universidade Estadual Paulista, campus de Assis, versão original inédita, 1990.

lingüístico) de 65 localidades. Os dois informantes de Castro seguem os critérios que delimitam a seleção dos informantes do ALPR e apresentam as seguintes características:

- a) informante feminina: (A) casada, analfabeta, natural da cidade de Castro, 46 anos de idade, exercendo a profissão de agricultora;
- b) informante masculino: (B) casado, cursava o Programa de Alfabetização de Adultos da época, o MOBREAL, natural da cidade de Castro, 57 anos de idade, exercendo a profissão de agricultor.

O Questionário utilizado na pesquisa de campo compõe-se de 325 perguntas, envolvendo os campos semânticos: I – *Terra*:

- a) Natureza, fenômenos atmosféricos, astros, tempo; b) Flora: árvore, frutos; c) Plantas medicinais; d) Fauna: aves, pássaros, animais; II – *Homem*: a) Partes do corpo, funções, doenças; b) Vestuário e calçados; c) Agricultura, instrumentos agrícolas; d) Brinquedos e jogos infantis; e) Lendas e superstições.

Na lista dos tupinismos da fala castrense registrados no ALPR, apresentada abaixo, seguimos o seguinte critério: quando o mesmo vocábulo foi registrado na fala de ambos os informantes, o identificamos pelas letras (A/B); se se tratar de registro de apenas um dos informantes, caso seja feminino será identificado pela letra (A), e masculino por (B).

Para confirmar a origem tupi dessas lexias, recorremos a alguns dicionários da Língua Portuguesa, como Tibiriçá (1984 e 1985); Cunha (1982); Sampaio (1955) e Moraes Silva (1949-1959). Os três primeiros são específicos da língua tupi e o último, da língua portuguesa, foi escolhido pela importância que ocupa no meio acadêmico em se tratando de dicionário publicado em Portugal. Quanto ao dicionário de Tibiriçá, dentre as duas edições disponíveis, optamos pela edição de 1984 (*Dicionário Tupi-Português: com esboço de gramática de Tupi Antigo*), por não se restringir somente a topônimos, mas a palavras de modo

geral, como é o caso da edição de 1985 (*Dicionário de Topônimos Brasileiros de Origem Tupi: significado dos nomes geográficos de origem tupi*). Na construção de cada verbete, seguimos a seguinte ordem: entrada; identificação do(s) informante(s); número da Questão, quando retirado do ALPR; significado nesse Atlas; significado da palavra no dicionário, com a transcrição do verbete, segundo cada lexicógrafo consultado:

1. Arapuça (informantes A/B). Q. 109 – Armadilha para pegar passarinhos.

A. G. Cunha: s.f. [T. ara'puka]. Armadilha para apanhar pássaros; *por extensão*, engodo, embuste; negócio suspeito ou ilícito.

L.C. Tibiriçá: certa armadilha para apanhar pássaros; de *ara*, ave e *pyca*, oprimir, tapas.

Morais Silva: s. f. (do tupi *guira + puc*). *Bras.* Armadilha de forma piramidal, feita de fragmentos de pau, e de tamanho decrescente, amarrados nas extremidades, e que se dispõe no mato, com isca, para apanhar passarinhos e aves do sertão.

T. Sampaio: s. c ara-puca, alteração de guirá-puca, o alçapão; a armadilha de pássaro; aparelho dos índios, feito de pequenos paus, em forma de pyramide quadrangular, à guisa de cesto e armando-se como um alçapão, a apanhar aves.

2. Beronha (informante A). Q. 141 – Variedade de mosca grande.

A. G. Cunha: Em *meru*, consta: s.m. 'nome tupi da mosca' 1587. Do tupi *m, e' rull meruanha* sf. 'mosca dos estábulos' | *muruanja* 1587 do tupi *m, eru' ãia* < *m, eru+* 'aia' 'dente'.

L.C. Tibiriçá: V. *mberuãia* : var. de mosca; moscardo, beronha.

Morais Silva: s. f. Zool. Espécie de mosca varejeira.

T. Sampaio: Em *merú*, corr. De *mbir-ú*, o que chupa a pelle, a mosca. Alt. **Mirú, murú, marú, morú, berú, birú.**

3. Boitatá (informantes A/B). Q. 319 – Entidade fantástica sob a forma de bolas de fogo que aparece durante a noite, amedrontando os transeuntes.

A. G. Cunha – “var: *baetatá, boitatá, mboitatá, boi-tatá* [< T. m aeta'ta < m a'e 'coisa' = ta'ta 'fogo' ~ VLB I. : *Cousa* = Baê. Ib. I. *Fogo* = Tatâ ~ Na var. *boitatá* houve intercorrência do T. 'm oia 'cobra' que ocorre em inúmeros tupinismos (cp. BOICININGA, BOIPEBA etc.); daí a razão da equivalência: *boitatá* = cobra de fogo]; fogo-fátuo.

L. C. Tibiriçá – “**Boitatá** – Am. gênio protetor dos campos e das matas; fogo-fátuo; m.q. mbaetatá, boitauá, boitaguá – var. de cobra (Geraldo Cunha)”.

Morais Silva – “s.m. Bras. Coco para assustar crianças; fogo fátuo; gênio que protege os campos contra o fogo: “*Botavam o anjinho numa igaçaba esculpida com forma de jabotie e pros boitatás não comerem os olhos do morto*” Mário de Andrade, *Macunaíma*, 38; touro furioso que deita fogo pelas ventas e tudo queima, na mitologia popular; relâmpago no horizonte prenunciadores de chuva, depois de calmaria”.

T. Sampaio – “**Boitatá** – corr. mbaê-tatá, como escreveu Anchieta, e que quer dizer: cousa que é toda fogo, luzeiro; é como os índios chamavam o fogo fatuo, a phosphoresencia. Alt. **Baetatá, Maetatá**. Tinha-se boitatá como um gênio, na mythologia indígena. V. Macahera”.

4. Butuca (informantes A/B). Q. 141 – Mosca grande e esverdeada que pica o animal.

A. G. Cunha: consta do verbete *mutuca*: s.f. Var. *mutuca, motuca* [< T. mu'tuka ~ VLB *moscas do gado* = Mutucuçû].

L.C. Tibiriçá: consta do verbete *mutuca*: inseto da fam. Dos tabanídeos; esp. de mosca com ferrão.

Morais Silva: s. f. O mesmo que *espora*. O mesmo que *motuca*. (do tupi guar. corrup. de *motuca*, a que aguilhoa, a picante). Bras. Nome popular dos tabanas ou tabanídeos, moscardos grandes

de ferrão agudo, que perseguem os gados e cuja mordedura é muito dolorosa.

T. Sampaio: consta do verbete *motuca*:, c. mô-tuca, faz que perfure; a pungente, a aguilhoante. Alt. Mutuca, Butuca.

5. Caipora/capora (informantes A/B). Q. 320 – Entidade sobrenatural que amedronta os habitantes do campo.

A. G. Cunha – “**caipora**: s.m. e f. e adj. Var.: **caapora**, **caapóra**, **caipora**, **caipóra**, **cahapora** [< T. Kaa‘pora < Ka‘a ‘mato’ + ‘pora ‘habitante de’]. Entre os indígenas, designava um ente sobrenatural que trazia infelicidade a quem o via; indivíduo que traz má sorte aos seus semelhantes; infeliz, azarento; infelicidade, má sorte, azar”.

L. C. Tibiriçá – “**caipora** – V. **caapora** – habitante do mato; neol. simples, rústico, humilde; mit. nome que os índios e os caboclos dão a um duende que anda com varas de caititu; sua aparição torna o indivíduo muito infeliz”.

Morais Silva – “var. **caipora**: s. 2 gén. (do tupi *capora*). Bras. Indivíduo do mato; pessoa infeliz; pessoa que, segundo a credence popular, traz desgraça às pessoas de quem se aproxima; nome de certo ente fantástico, que, segundo as regiões, ora é representado como uma mulher unípede, que anda aos saltos, ora como uma criança de cabeça enorme, ora como um caboclinho encantado, ora ainda como um duende sertanejo, cujos pés têm calcanhares para a frente e os dedos para trás e que anda montado num porco selvagem e protege as crianças; fosforescência, fogo-fátuo”.

T. Sampaio – “**caipora** – corr. cai-pora, o que tem fogo; o que queima. Pode proceder também de cai-pora que significa: o que tem acanhamento, ou que é corrido. Pode proceder ainda de caa-pora, o morador do matto, o habitante do matto, o mattuto, agreste. É um genio da mythologia selvagem”.

6. Caninana (informante A/B). Q. 132 – Variedade de cobra.
A. G. Cunha: *s. f.* Var. *caninana, caninam, carunana, cainana* [*<*Do tupi Kani'nana ~ VLB *cobra* = Boya Gnro. (*scil.* gênero) suas espécies são muitas (...) Caninana (...)].
L.C. Tibiriçá: planta medicinal da fam. das rubiáceas (Rangel de Carvalho).
Morais Silva: *s. f. Zool.* Serpente brasileira não venenosa (*Spilote Spulatus*), que segue os homens familiarmente como um cão. Mulher de mau gênio, atrabiliária. *Bot.* Planta trepadeira do Brasil da família das poligaleáceas (*Securidaca Lanceolata*).
T. Sampaio: consta do verbete *cainana*: corr. acã-inan, a cabeça agitada; a embravecida.

7. Canga (informante A/B). Q. Questão 123 – Triângulo que se coloca no pescoço do animal.
A. G. Cunha – “var. *cangoeira: canguéra, cangoeira, cãgoêra, cãgoeira* [*<*T. Ka'nuera ‘ossada’ < ‘Kana ‘osso’ + ‘uera ‘que foi, que não mais existe’ ~ VLB II. 59: *Ossada de animais* = Canguera, aiuntando-lhe todauia o nome do animal, (...); *Ossada humana* = Canguera; *Ossos* = **Canga** (...); *Ossos sem carne* = Canguera, (...)]”.
L. C. Tibiriçá – “**osso, espinho de peixe, armação**; caroço; certo tipo de semente rijas; coquinho seco; m. q. **acanga**; seco, enxuto; neol. Certo minério de ferro argiloso e pardacento; pedra canga”.
Morais Silva – “*s. f.* do tupi, **acanga**, cabeça, pela forma que reveste. O jugo com que se jungem os bois para lavoura; varas de que os mariolas usam, para levar suspensas no meio, em cordas, as cargas, com caixas, pipas, etc; também se chama tapanhoacanga”.
T. Sampaio – “*s.*, **osso**, o caroço, o núcleo; adj. secco, enxuto. Alt. **Can, Cã**.”

8. Capão (informante B). Q. 60. – Reunião de árvores, floresta.

A. G. Cunha: *s. m.* Var. *capão, capam, capoão, caapão, caàpuão* [< T. kaa'paũ ~ VLB *Ilha de mato ou campina* = Caapaũ. *Mouta de mato* = Caapaũ; *Mouta ou ponta de mato muito basta* = Caapoãnama]. Pequeno bosque insulado num descampado.

L.C. Tibiriçá: caapai. Capão de mato

Morais Silva: *s. m.* (do tupi-guar., *caá – pau*). Bras. Bosque de mato-virgem, isolado no meio de um descampado ou terreno de pastagem. (do lat. *capone*). Galo capado; cavalo capado.

T. Sampaio: corr. caá-pãu, a ilha de matto; o matto crescido e isolado no campo.

9. Capim (informantes A/B). Q. 89. – Capim cidreira.

A. G. Cunha: *s. m.* [T. Ka'pii ~ VLB *Erua qualquer* = Capij. *Feno* = Capij. *Palha ou erua qualquer* = Capij]. Denominação comum a diversas plantas das famílias das gramíneas e das ciperáceas; erva, mato em geral. Os dicionários registram inúmeras expressões (capim-açu, capim-amargoso, capim-cheiroso etc.) alusivas aos diferentes espécimes botânicos; nos textos adiante transcritos o termo *capim* é usado, em geral, em sentido amplo, abarcando indiscriminadamente algumas dessas variedades. Um ou outro autor, todavia, como Guimarães Rosa (v. abon. 1946 e 1956), consigna, entre muitas outras expressões: capim-mulambo, capim-chatinho etc.

L.C. Tibiriçá: V. capiú: capim, erva (palha, em guarani).

Morais Silva: *s. m.* (do *caá + piuu*) Bot. Denominado de *erva*, especialmente na África e no Brasil. Bras.. Nome comum a várias espécies de plantas gramíneas e ciperáceas, quase todas usadas como forragem. Gir. Dinheiro.

T. Sampaio: corr. caapí, a planta de folha fina, a herva miuda.

10. Capoeirão (informantes A/B). Q. 60. – Mata, floresta.
A. G. Cunha: *s. m.* [< capoeira(a + -ão)]. Capoeira grossa e alta; matagal.
L.C. Tibiriçá: Em capuera e caapuera: capoeira, mata que foi destruída pela mão do homem e nasceu dela nova mata que não é virgem.
Morais Silva: *s. m.* (de *capoeira*). Homem velho e pacato pela cidade; mansarrão. *Bras.* Grande Capoeira, grosso capão de mato.
T. Sampaio: Não consta.

11. Carancho (informantes A/B). Q. 105. – Variedade de gavião.
A. G. Cunha: Não consta.
L. C. Tibiriçá – “var. **caracara** – var. de gavião”.
Morais Silva – consta do verbete *caracará*: “*s. m.* (do tupi – guar *cará* + *cará*). Zool. Ave brasileira da fam. das falcónidas (*Milvago Chimachima*, *Vieill*), também chamada **carcará**, **carapinha** e **carancho**. É a ave de rapina mais trivial do Brasil e Paraguai, onde faz grande guerra às galinhas”.
T. Sampaio – “corr. *carãe*, o que arranha, dilacera com as unhas. É o nome de uma espécie de gavião. V. **Caracará**”.

12. Carijó (informantes B). Q. 112. – Variedade de galinha.
A. G. Cunha: Não consta.
L.C. Tibiriçá: etnol. Nome de uma tribo guarani que ocupou parte do litoral sul do Brasil; de *caráí-jó*, mistura de homem branco; eram assim chamados, por pintarem-se de branco, talvez, como disfarce. Nome que se dá a galinhas de duas cores; o nome provém, sem dúvida, da alusão aos índios Carijó. Nome de uma planta, m.q. araribá-rosa.
Morais Silva: *adj. gén. Bras.* Diz-se do galo ou galinha de penas salpicadas de branco e preto. *S. m.* O mesmo que *araribá-rosa*. Rapineira da família dos falconídeos. O mesmo que *carijó*.

Adj. gén. Relativo ou pertencente aos Carijonas. Indivíduo desta nação.

T. Sampaio: corr. cari-yó, o descendente de branco, europeu. Designa também um gallinaceo de pennas pretas e brancas. A ave pedrês.

13. Catinga (informante B). Q. 233. – Mau cheiro do corpo.

A. G. Cunha: Do verbete *caatinga*, consta: *s. f.* Var. *caátinga*, *catinga*, *caâtĩga*, *cahatinga*, *caatinga* [< T. Kaa'tiŋa < Ka'a 'mato' + 'tiŋa 'branco, claro' ~ VLB *Branca cousa*, ou *brancura* = Tinga, Morotinga].

L.C. Tibiriçá: Mau cheiro.

Morais Silva: *s. f.* (do tupi *caá* + *tinga*). *Bot.* Mata enfezada de árvores pequenas e de folhas frágeis, tortuosos e um tanto raras. Zona em que a vegetação é formada por essa mata. Arbusto da família das bigoniáceas (*Tecoma Catinga*, Bur. E Shum). O mesmo que *catingueira*. Planta da família das leguminosas (*Peltogyne catingae*, Ducke). Nome de várias outras plantas. (do bras. *catinga*, coisa enjoativa, fastidiosa). Cheiro desagradável da pele dos negros; morrinha. Transpiração fétida dos sovacos, mau cheiro, bodum.

T. Sampaio: corr. caá-tinga, o matto branco, alvacento, especial das regiões seccas do Brasil de Nordeste. Pode o vocabulo proceder ainda de caá-t-enga. o matto ralo, que deixa vacuos de permeio, isto é, o matto aberto.

14. Curica (informantes A/B). Q. 253. – Variante rural paranaense para *cócegas*. Q. 105. – Citado como variedade de pássaro, semelhante ao gavião de pequeno porte.

Curica está lexicalizado em Cunha (1982), Tibiriçá (1984), Morais Silva (1949-1959) e Sampaio (1955), de origem tupi, com o significado de espécie de papagaio. No entanto na carta 78 é uma variante rural para *cócegas*, de bastante produtividade nas localidades do Paraná Tradicional. Outra variante registrada para o conceito de *cócegas* é *culica* e *cucica*.

15. Curupira (informantes A/B). Q. 325. – Entidade sobrenatural que amedronta os habitantes do campo.

A. G. Cunha – “*curypyrens* (pl.), *curupira* [< T. Kuru'pira ~ VLB I.: *Diabo* = Anhangá. Este he como gro. (*scil .gênero*) especie Curupira, Taguaiba. Jurupari. Taûba. Aguaçaig. Guaiupiã. etc.]. Diabo, entre os indígenas; ente fantástico que, segundo a credence popular, vive nas matas e tem os dedos dos pés voltados para trás e o calcanhar para frente”.

L. C. Tibiriçá – “**curupirara** – mit. nome de um duende da mata, que devora seres humanos; nome de um jogo infantil”.

Morais Silva – “*s.m. Bras.* Duende ou trasgo da noite; também se diz *aicupira*.”

T. Sampaio – “**curupira** – s. *curupyra*, o chegado, o indivíduo coberto de pústula. Nome de um genio da mythologia selvagem, que presidia aos maus sonhos e pesadellos”.

16. Ipê (informante A/B). Q. 99. – Espécie de árvore cuja casca é usada em infusão medicamentosa.

A. G. Cunha: *s. m.* Var. *ipe, ipé, aipé, ipê, epê* [< T. i'pe ~ VLB *Casca de pao* = Igpê].

L.C. Tibiriçá: Ypé. Casca de árvore.

Morais Silva: IPÉ, *s. m. Bot.* Gênero de árvores do Brasil e da África, das famílias das *faseoláceas* – *cealpiniáceas*. Cacete feito da madeira de qualquer dessas árvores.

T. Sampaio: corr. y-pé ou yb-pé, a arvore cascuda. (Tecoma Ipé).

17. Jararaca (informantes A/B). Q. 132. – Variedade de cobra.

A. G. Cunha: *s. f.* Var. *geraráca, jararaca, gereraca, jareraca, jereráca, jararáca, geraraca* [< T. jara'raka ~ VLB *cobra* = Boya Gnro. suas espécies são muitas. As q. matão. Jararaca. Boypeba (...)].

L.C. Tibiriçá: árvore brasileira cuja madeira é empregada em construções (Silva Bastos).

Morais Silva: s. f. Bot. Nome da serpentária do Brasil. Planta arácea do Pará, também chamada *jarro-manchado*. Árvore silvestre, de boa madeira empregada em construção. *Zool.* Cobra muito venenosa da família dos vipéridas. Mulher de mau gênio; pessoa má, peste, bicha, víbora. Porteira de varas.

T. Sampaio: corr. *ya-ra-raca*, aquelle que colhe ou agarra envenenando; o que tem o bote venenoso. (Lachesis).

18. Jararacuçu (informantes A/B). Q. 132. – Variedade de cobra.

A. G. Cunha: s. f. Var. jararacuçu, jareracaçu, geraraco-açu, jararácussuí [< T. *iararaku'su* < *iara'raka* 'jararaca + u'su 'grande'].

L.C. Tibiriçá: consta do verbete *jararacussu*: var. de jararaca. *Morais Silva: s. m. Zool.* Cobra venenosa do Brasil, comprida e verde-negra.

T. Sampaio: corr. *ya-rarac-uçú*, a jararaca grande. (Lachesis).

19. Jojoca (informante A/B). Q. 253. – Cócegas.

Jojoca não consta de nenhum dos dicionários consultados, mas, segundo a Dr.^a Risoleta Julião, docente e pesquisadora da Universidade Federal do Pará (apud Aguilera: 2002), esta lexia é certamente de origem tupi e parece estar ligada ao tupi do Norte sob a forma *ioioca*. Trata-se de um sinônimo para o *soluço*, principalmente o que acomete os bebês.

20. Jundiá (informante B). Q. 149. – Variedade de peixe.

A. G. Cunha: Não consta.

L.C. Tibiriçá: Var. de bagre.

Morais Silva: s. m. Bot. Planta lamiácea (antiga labiada) do Brasil. *Zool.* Peixe de água doce, da família dos silúridas.

T. Sampaio: corr. *yu-ndi-á*, a cabeça armada de barbatanas. É o peixe d'água doce *Platystoma spatula*.

21. Lambari (informante A/B). Q. 149. – Variedade de peixe.
A. G. Cunha: s. m. Var. *lambare*, *lambary*, *lambarí*. [O étimo de *lambari* é controvertido. O vocábulo talvez se relacione com o T. ara ue'ri, através da seguinte evolução: T. ara ue'ri > araberi → aramberi → arambari → alambari → lambari; nassa cadeia evolutiva o único elo documentado é *araberi*: v. ARAUIRI]. Nome comum a diversas espécies de peixes da família dos caracídeos.

L.C. Tibiriçá: alt. de *araberi* (lambari, sardinha; lit. baratinha); v. este verbete.

Morais Silva: s. m. Zool. Peixe brasileiro; o mesmo que *alambari*. Gír. bras. Seguidos, namorados, perseguidos, coió.

T. Sampaio: consta do verbete *lambary*, corr. aramberi, o peixinho de agua doce semelhante á sardinha. Alt. Araberí, Alambary.

22. Mamangava (informante B). – Apareceu como primeira resposta à pergunta 134 sobre *carrapato*.

A. G. Cunha: Não consta.

L.C. Tibiriçá: consta do verbete *mamangaba*: abelhão munido de ferrão, do gênero *Bombus* (Ihering); do idioma caingangue: *ma-mang*, abelha de fruta. Neol. Pasto, internada.

Morais Silva: consta do verbete *mamangaba*: s. f. (do tupi-guar.). Zool. Vespa também chamada *mangangá*. MAMANGAVA: s. f. Zool. Espécie de vespa do Brasil, que também se chama *vespão-dos-cacauais*.

T. Sampaio: consta do verbete *mamanguaba*, c. mamã-guaba, a comida de reunião, ou dentro de cerca; o pasto ou malhada. Alt. Mamanguá.

23. Mandi (informante B). Q. 149. – Variedade de peixe.

A. G. Cunha: s. m. Var. *mandaig*, *mandeii*, *manohi*, *manii*, *mandiy*, *mandi*, *mandim*, *mandiü*, *mandii*, *mandu*, *mandi* [< T. mani'i ~ VLB *Bagres dagua doce* = Nhũdiã; Mãdij;

Pirâacãmucú; Jaú; este he muito grande]. Peixe de rio da família dos pimelodídeos.

L.C. Tibiriçá: consta do verbete *mandiú*: peixe de rio, da fam. dos pimelodídeos.

Morais Silva: s. m. *Bras. Amazônia*. Peixe de água doce muito saboroso.

T. Sampaio: consta do verbete *mandiy*, s. o bagre. (*Pimelodus Maculatus*, *Lacep*). Alt. Mand, Mandim.

24. Muquirana (informante B). Q. 139. – Por percevejo.

A. G. Cunha: s. f. [< T. moki'rana ~ VLB *Piolhos do corpo humano* = Moquigrana]. Piolho (*Pediculus vestimenti*).

L.C. Tibiriçá: consta do verbete *mukirana*: V. *mycuirana*: piolho; m.q. *mokyrana*.

Morais Silva: s. f. (do tupi-guar., corrup, *mby-qui-ramd*, de parecido com o piolho da pele). *Bras.* Piolho da roupa ou do corpo (*Pediculus vestimenti*), também chamado *mucurana*. (do tupi-guar., corrup. *umby*). Mosca que atormenta as pessoas e os animais; imundície, sujeira.

T. Sampaio: corr. *mby-quí-rana*, semelhante ao piolho da pelle; o piolho grande.

25. Peca/peba/peva (informante A). Q. 112. – Variedade de galinha que tem as pernas curtas, desproporcionais ao corpo.

A. G. Cunha – “**Peba**: var. *péba, peba* [<T. ‘peua’ ‘chato, plano’ ~ VLB I.: *Chão, cousa como lagea ou taboa* = Peba]. Chato, plano. A propósito do emprego, raro e esporádico, de adjetivos tupis em português, veja-se o comentário ao verbete *açu*. **1817** CASAL *Corografia Brazílica* I. 71: O [tatú] *péba tem a cabeça achatada*; [...]. **1946** GUIMARÃES ROSA *Sagarana* 242: E, em suas feições de caboré insalubre, amigavam-se as marcar do sangue aimoré e do gálico herdado: [...] testa curta, fugidia; olhinhos de viés e nariz peba, mongol”.

L. C. Tibiraçá – “**Peba**: chato, baixo, de pouca estatura; esp. de tatu de cabeça chata; contr. de **tatu-peba**; pus – matéria purulenta; m. q. **péu**”.

Morais Silva – **Peba** – “voz indígena que quer dizer *chato e alongado*.; *s.m. Zool.* Espécie de tatu, de cabeça achatada, que costuma violar sepulturas. **Peva** - “adj. zool. Nome porque são conhecidas, entre os brasileiros, as aves do gênero *Penélope*. Nome vulgar brasileiro de uma espécie de tatu (*Dasyopus sexcinctus*). *Bras. Plano, baixo, chato inferior*. “... *peva: perna curta*” Monteiro Lobato, *O macaco que se Fez Homem*, 58”.

T. Sampaio – “**Peca**: Ipeca – corr. y-pega, o caminhante n’agua, o nadador, o pato, o palmipede. É abreviação usual do nome de planta vomitiva – *Cephaelis ipecauanha*. *Alt. V. peva* - aparece como **peba** ‘adj. **plano, chato, baixo, rasteiro, inferior**. É o nome de uma qualidade de tatú, o *Dasyopus seynctus*, L. *Alt. Pé, Péua, Peva*”.

26. Peteca (informante A/B). Q. 317. – Brinquedo feito de palha, guarnecido de penas, que se lança com a palma das mãos.

A. G. Cunha: *s. f.* Var. *petéca, peteca* [< T. pe'teka ‘bater com a palma da mão’].

L.C. Tibiraçá: tr. Bater com a palma da mão, dar palmadas.

Morais Silva: *s. f.* (do tupi *peteca*, golpe, pancada). Brinquedo feito de couro e penas e que é jogado ao ar com a palma da mão; pedaço de cortiça para o mesmo fim. Joquete ou alvo de mofa ou zombaria. *Bot.* O mesmo que erva-de-soldado.

T. Sampaio: ger. supino de *peteg*. Bater, dar golpe; *peteca* é, pois, a batida, tangida, a péla.

27. Piá (informante A). Q. 325. – Em narrativa de experiência pessoal.

L.C. Tibiraçá: Menino, rapazinho (regional caboclo).

Morais Silva: *s. m.* (do tupi. cf. Manuel de Viotti, *Dicionário da Gíria Brasileira* s. v.). *Bras.* Menino, criança; caboclinhos,

rapaz de cor morena; filho de caboclo selvagem; de um modo geral, nome afectuoso com que se chamam as crianças.

Não consta dos demais lexicógrafos pesquisados.

28. Picumã (informantes A/B). Q. 147. – Fuligem.

A. G. Cunha: s. m. Var. *picuman*, *picumam*, *pucumã*, *picumã* [< T. *apeku'mã* 'fuligem']. Fuligem, negro de fumo; teia de aranha enegrecida pela fuligem.

L.C. Tibiriçá: Var. *apecumã*: fuligem, picumã.

Morais Silva: s. m. (do tupi *epecumã*). Bras. Fuligem.

T. Sampaio: Não consta.

29. Purungo (informante B). Q. 287. – Em que o informante explica o preparo de uma iguaria de milho verde que é cozida na casca da cabaça ou purunga.

L.C. Tibiriçá: consta do verbete *purunga*: pisar em.

Morais Silva: s. m. Bras. O mesmo que *purunga* e *cabaça*. s. f. Bot. Uma das designações atribuídas no Brasil à *Lagenaria Vulganis* Ser. (de *purunga*). Bras. Vasilha feita de casca de planta cucurbitáceas, espécie de cabaça. Baciazinha usada pelos morféticos para recolher as esmolos.

Não consta dos demais lexicógrafos pesquisados.

30. Taraíra (informante B). Q. 149. – Variedade de peixe.

A. G. Cunha: Consta como variante de *traíra*.

L.C. Tibiriçá: peixe de rio, da fam. dos caracídeos.

Morais Silva: s. f. Zool. Nome vulgar de um peixe fluvial brasileiro (*Erythrinus sp*), também chamado *tarira*, *taraguira* e *traíra*.

T. Sampaio: consta do verbete *tarahira*, corr. tara-guira ou tara-guira, o que bambaleia, ou se contorce. É o nome do peixe d'água doce que vive mergulhado na vasa. (*Erythrinus Tareíra*).

Alt. Trahíra, Tareíra, Taraíra.

31. Traíra (informante A). Q. 149. – Variedade de peixe.

A. G. Cunha: s.f. Var. *tareíra*, *tararira*, *tarayra*, *tarerire*, *tarreira*, *trayra*, *trahira*, *traíra*, *traíra*, *trahyra*, *tariira* [< T. tare'ira]. Peixe da família dos caracídeos.

L. C. Tibiriçá: não consta

Morais Silva: s. f. Bras. Nome vulgar de um peixe de rio; o mesmo que *taráira*. Nome vulgar de um réptil. Bras. do Rio Grande do Sul. Faca, facão. Bras. do Norte. Pegar traíra, cabecear com sono. Bras. Irmão que ganha de outro no jogo, especialmente no póquer.

T. Sampaio: consta do verbete *trahira*: corr. taraguira, o que está de rojo, ou que se bamboleia. V. Tarahira.

32. Urubu (informante B). Q 104. – Ave preta que se alimenta de animais em decomposição.

A. G. Cunha – “var. **urubu**, **orubù**, **urubú**. [T. uru'uu ~ VLB I. 83: *Coruo* = Urubù, não na cor nem na feição: no officio si. *Ib.* II. 38: *Minhoto* = Urubù, na feição somente]”.

L. C. Tibiriçá – “**urubu** – esp. de abutre do Brasil; nome da constelação do Corvo”.

Morais Silva – “s.m. Zool. Nome vulgar das aves falconiformes da subordinação dos falcões, família das vulturídeas, tribo das sarcorranfíneas, gênero *Cathartes* Illig. *C. papa* Illig, que se alimentam de carne.

T. Sampaio – “corr. **urú-bu**, a galinha preta, a ave negra. Alt. Urumú”.

33. Urupê (informante A/B). Q. 76. – Variedade de cogumelo.

A. G. Cunha – “espécie de fungo da fam. das *poliporáceas*, ‘cogumelo’ XX. Do tupi *uru'pe*”. O autor abona com uma citação do *Vocabulário na língua brasílica*: [VLB I. 86: *Cogumelo são muitos e não tem genro. (scil. Gênero) os q. se comẽ nascem pellos paos = carapucu, (...) E os grandes q. se não comem. Urupê*].

L. C. Tibiriçá – “var. de **cogumelo**”.

Morais Silva – “s. m. Bot. Nome vulgar de um **cogumelo brasileiro** (*Polypous sanguineus*), também chamado orelha-de-pau e pironga; o mesmo que *urupé*”.

T. Sampaio – “c. **uru-pé**, forma contracta de **urú-peba**, o cesto chato ou razo; nome dado ao fungo conhecido por – orelha de pau –, cuja forma imita a de um cesto razo. S. Paulo”.

Outras lexias, embora se revistam de uma forma/massa fônica semelhante às do tupi, não são abonadas pelos autores consultados. É o caso de Boicorá, Caruncho/Carunchar, Cateto, Curau, Guarumbê e Utanha, que ora são incluídas na referência genérica de brasileirismos, ora são indicadas como lexias de origem ou étimo desconhecido. Incluímos abaixo essas lexias com as abonações de um ou de outro dos dicionários consultados. Quando não lexicalizadas pelos dicionaristas por nós escolhidos, recorreremos a Nascentes (1943), Caldas Aulete (1964) e Ferreira (1986).

34. Boicorá (informante A). Q. 132 – Variedade de cobra.

Morais Silva: s. f. Nome que no Brasil dão a várias cobras; o mesmo que *cobra-coral*.

Não consta dos demais lexicógrafos pesquisados. Parece ser a junção da lexia tupi *mboi* > cobra + a forma apocopada de coral.

35. Cateto (informante B) Q. 277. – Variedade de arroz. Q. 282. – Variedade de milho.

Morais Silva: s. m. Bras. Qualidade de milho ou arroz. Porco-do-mato, também chamado *porco-espinho*; o caitetu de outros estados. O mesmo que *catete*. Adj. Diz-se de uma variedade de milho e de uma variedade de arroz.

Catete (ê) está lexicalizado em Ferreira (1986) de possível origem tupi, significando certa espécie de milho miúdo batité, cateto.

Não consta dos demais lexicógrafos pesquisados.

36. Curau (informante A/B). Q. 288. – Doce feito do milho verde ralado, coado e cozido com leite e açúcar.

L.C. Tibiriçá: Pudim feito de creme de milho.

Morais Silva: s. m. *Zool.* Ave brasileira da família dos psitacídeos (*Amazonia aestiva*). *Bras. da Amazonia*. Comida feita de carne salgada, pilada com farinha de mandioca. *Bras. do Norte*. Matuto, tabaréu (vj. caipira); sertanejo retirante. *Bras.* Papa de milho verde com leite de vaca; doce feito de milho ralado.

Não consta dos demais lexicógrafos pesquisados. Embora Tibiriçá o inclua em seu dicionário de Tupi, não há referência à etimologia. Ferreira (1986) e Caldas Aulete (1964) registram-no como brasileirismo.

37. Guarumbê (informante B). Q. 293. – Variedade de feijão.

A. G. Cunha – No verbete *imbé*, o autor apresenta as variantes: *goembe*, *embe*, *embé*, *imbé*, *ambé*, *guambé*, *imbê* e *guaimbê*.

Morais Silva: Do verbete *guarumbé*, consta: s. m. *Bot.* Planta da família das faseoláceas papilionadas, também chamada *feijão-bravo*, *jequirana* e *marmelada* (*Bladburya Plumieri* Kuntz).

Não consta dos demais lexicógrafos pesquisados.

38. Utanha (informante B). Q. 130. – Sapo.

A. G. Cunha – Registrado no verbete *intanha*, com a variante *untanha*. O autor coloca como de possível origem tupi. Ferreira (1986) registra como procedente do tupi 'tã, onomatopéia do barulho feito por este sapo.

Não consta dos demais dicionários consultados.

Como se pode observar, as lexias de origem tupi registradas em Castro, tanto na fala masculina como na feminina, recobrem, na maior parte das ocorrências, conceitos referentes à flora e à fauna, confirmando o que já haviam estabelecido os dialetólogos antecedentes - como Amadeu Amaral, Antenor Nascentes, Mário Marroquim e Gladstone Chaves de Melo - em

relação à influência ou à contribuição tupi para a língua portuguesa falada no Brasil.

3. A presença tupi na toponímia castrense

No que se refere aos tupismos na toponímia castrense, conforme consta dos dados registrados no Projeto ATEPAR, podemos perceber a vasta contribuição indígena, disseminada por todo o território e representada por termos que, na maioria das vezes, apresentam uma relação analógica entre o topônimo e algum fato do cotidiano indígena. Sobre a importância deste estudo, Dick (1990) discorre que

a grande difusão dos topônimos tupis (...), pode ser atribuída não só à maior mobilidade geográfica ou mesmo sócio-cultural do grupo, como também à ação religiosa dos missionários e à participação das antigas bandeiras, que difundiram a língua dita então geral, dilatando, conseqüentemente, a área ocupada por esses indígenas (DICK: 1990, p. 122).

Dentro dessa perspectiva, listaremos abaixo, os topônimos relacionados aos aspectos físicos e humanos, que incorporaram no momento de sua denominação nomes indígenas da região. Os nomes listados seguirão a ordem de classificação, cujos significados foram pesquisados nos dicionários já citados:

- 1) **Fitotopônimos:** principalmente na denominação de rios, riachos ou arroios: *Butiá* (espécie de palmeira do Sul do Brasil); *Capoeira [de Dentro]* (lugar que foi mata; mato fino que nasce após a derrubada de uma floresta); *Caratuva*

(lugar onde há abundância de cará); *Congonhas* (plantas de cujas folhas se faz chá); *Embira* (árvores de cujas cascas se fazem cordas); *Guabiroba* (fruto amargo); *Guararema* (madeira fétida – vulgo pau d’alho); *Guarituva* (muita palmeira); *Pitangui* (vermelho); *Taquara* (qualidade de bambu); *Taquaruçu* (bambu grosso); *Tucum* (nome de palmeira); do *Xaxim* (haste de samambaiaçu).

- 2) **Zootopônimo**: também denominando rios ou arroios: *Cotia* (animal roedor); do *Jacu* (o desconfiado; ave galinácea de boa carne); *Maracanã* (espécie de papagaio); *Piraí* (rio do peixe); *Piraí Mirim* (rio pequeno do peixe); *Tamanduá* (animal que se alimenta de formiga). Como acidente humano, temos Jardim Social *Arapongas* (ave que faz barulho; pássaro de canto metálico).
- 3) **Corotopônimo**: bairros rurais normalmente denominados com base no nome do rio que banha a localidade: *Congonha* (planta cujas folhas fazem chá); *Embira* (planta que fornece material para cordas); Colônia *Iapó* (muita água); *Marumbi* (coisa suprema, mais alta); *Tapera* (casa abandonada, aldeia extinta).
- 4) **Ecotopônimo**: rio *Tapera* (aldeia extinta).
- 5) **Hidrotopônimo**: rio *Iapó* (muita água).
- 6) **Ergotopônimo**: bairro rural *Caxambu* (espinho de tambor que os escravos usavam nas danças).
- 7) **Sociotopônimo**: Sesmaria do *Pitangui* (rio das pitangas)

Nesta relação de topônimos, podemos observar a maior produtividade de tupinismos na denominação de acidentes físicos, como rios, riachos e arroios, em relação à denominação de vilas, jardins, bairros, o que comprova a antigüidade dos primeiros em relação aos segundos. Por outro lado, na denominação dos nomes referentes aos aspectos físicos do município de Castro, sobressaem os topônimos inspirados na natureza física e animal. Esses dados nos permitem observar que a adoção de nomes

indígenas, na nomenclatura de uma região, reflete o esforço do homem em recuperar e preservar a cultura indígena por meio da Toponímia e, assim, manter vivos as tradições e os costumes dos primeiros habitantes do território brasileiro.

Considerações finais

Num primeiro momento, este trabalho preocupou-se com o estudo dialetológico sincrônico da cidade de Castro, analisando de forma mais específica os remanescentes culturais legados pelos tupis, nas respostas dadas a um questionário de 325 questões sobre os vários campos semânticos, como o homem, a natureza, a agricultura, o vestuário, etc. Trata-se de itens lexicais, em sua maioria, em processo de arcaização e desaparecimento do vocabulário ativo como o *urupê*, *canga* e *peca*, por se restringirem ao mundo rural. Como exemplo dessa afirmação, ao se questionar quanto às espécies de galinha, os informantes, tanto masculinos, quanto femininos, enumeraram espontaneamente várias delas. Em outras localidades, como em Cianorte, ponto 15, a informante feminina discorre: '*aquela é pequinha nós fala*'; em Ibaiti, ponto 18, e Tibagi, ponto 31, e Manoel Ribas, 35, também as informantes femininas registraram a forma diminutiva: *pequinha*; em Campo Mourão, ponto 29, o informante masculino registra: '*a naniquinha, ô peca*'. Como variante fonética, temos em Prudentópolis, ponto 42, o registro masculino *pevinha*.

A lexia *urubu*, em Castro, é lembrada somente pelo informante masculino, ao registrar um sinônimo para *corvo*, enquanto que a informante feminina declara desconhecer outros denominativos para *corvo* (ave preta). Quanto a *carancho* e *curica*, nomes de aves, a continuar a devastação das matas, serão lembrados apenas em enciclopédias. As crendices sobre o *baetata*, *capora* e *curupira*, pelos depoimentos dos informantes castrenses, há muito não povoam a imaginação popular rural. A

propósito da lenda do *baetatá*, a informante feminina afirma nunca ter visto, mas já ouviu falar, como se observa no diálogo: *'contavam sim. Eles contavam que era um fogo, né, intão que eles contavam que quando senta numa árvore assim queima aquela árvore, né, e mais a gente nunca, eu nunca vi mais, eles contavam que parece com fogo que anda assim voando, né, daí no lugar que senta diz que queima ali, né, a árvi seca e é só. ((Como aparece o boitatá?)) Assim falavam que é parente um co otro, né, que num sei lá o que faziam de certo, né. ((Então, parente um com outro pode virar boitatá?)) Diz que vira, né, assim falavam os de dantes.* O informante masculino, por sua vez, acredita ser verdadeiro o relato de seu pai quanto à aparição de tal bicho: *Do baitatá? A senhora sabe que, bom, essa lenda existe muito dona, agora de certo falá a verdade otos mente, né, mais meu pai pelo menos, na ocasião que ele viajava aqui numa cidade não sei se a senhora ouviu falá Cerro Azul, ele contava, né, bem verdade a única coisa que posso contá pra senhora que ele contava, que ele viu esse bicho numa ocasião num mato muito grande até que não é longe, perto do brejado... brejado lá ele ia passando e viu de longe, diz que os tal de baitatá... É um fogo que bate e daí a senhora sabe que se faiz faísca ele é meio/ é viu de longe por sinal passô e meio distante mais de longe ele viu. ((E aparecia por quê?)) Senhora? Pois eles falavam geramente falavam que diz que era pecado de... teve gente muito pecador, né, dona que se originaram nos poder dos pecado, da carne, né... é o que falavam. ((Conhece alguma história de compadre e comadre?)) Cumpadre, irmão com irmã, essas coisa, né. ((É a mesma lenda, né?)) Padre com frera tudo isso são grandes pecado isso, né'.*

A pesquisa indicou também que a busca das lexias em dicionários especializados (Cunha, Sampaio e Tibiriçá) ou não (Morais Silva) requer um conhecimento das variantes fonéticas

de que se revestem cada uma delas, tanto na fala rural como na apresentação do verbete no dicionário. Em muitos, não há uniformidade na representação escrita, de determinadas lexias como **butuca**: var. *mutuca, motuca, Mutucuçu; caipora*: *capora, caapora, caapóra, cahapora, kaa'pora*; **caninana**: *caninam, carunana, cainana, kani'nana*; **ipê**: *ipe, ipé, aipé, ipê, epê, Igp, y-pé, yb-pé*; **jararaca**: *geraráca, jararaca, gereraca, jareraca, jereráca, jararáca, geraraca, ya-raraca*.

Em outros, há que se considerar a dupla ou tripla representação em Língua Portuguesa de segmentos fônicos como: a) mb > b ou m: **beronha**: *mberuãia, mbir-ú, mirú, murú, marú, morú, berú, birú, me'ru, meruanha, muruanja*; **boitatá**: *mbaetatá, mboitátá, baetatá, boitatá, boi-tatá, boitauá, boitaguá, Maetatá*.

b) y > u, i, y: **curupira**: *curypyran, kuru'pira, curupirara, aicupira*. **muquirana**: *moki'rana, mycuirana, mokyran, mby-qui-ramd, mucurana, mby-quí-rana*; **lambari**: *lambare, lambary, lambarí, ara ue'ri, araberi, aramberi, arambari, alambari, lambari*; *arauiri, alambary*; **mandi**: *mandaig, mandeii, manohi, manii, mandiy, mandí, mandim, mandii, mandii, mandu, mandí*; **picumã**: *picuman, picumam, pucumã, picumã, apeku'mã, apecumã, epecumã*; **untanha**: *intanha*.

c) u > u, v ou b: **peca**: *peba, peva: péba, peba, péua, péu, ipeca, y-pega*.

A herança indígena sobrevive ainda, embora timidamente, na fala rural castrense, pois os processos de urbanização e de escolarização irão contribuir para que esses vocábulos tupis se incluam no rol de palavras arcaicas. Portanto, a urgência de se registrar essas palavras é tarefa primordial ao trabalho de um dialetólogo, pois o vocabulário age como um espelho no qual são refletidos os valores e crenças que compõem o universo sócio-cultural de um povo.

Referências bibliográficas

- AGUILERA, Vanderci de Andrade. *Atlas Lingüístico do Paraná*. Curitiba: Imprensa Oficial, 1994.
- _____. “Um estudo lexical em documentos notariais do Paraná”. Em: Duarte, Maria Eugênia Lamoglia / Callou, Dinah (eds.). *Para a história do português brasileiro*. Vol. IV. Primeiros Estudos, tomo II. São Paulo: Humanitas, 2001.
- _____. “Tupinismos lexicais no português brasileiro: trilhas e traços no Paraná”. Em: Ex oriente lux: Festschrift für Eberhard Gärtner zu seinem 60. Geburtstag/hrsg. Von Sybille Große und Axel Schönberger in Verbindung mit Cornelia Döll und Christine Hundt. Frankfurt am Main: Valentia, 2002.
- AMARAL, Amadeu. [1920] *O dialeto caipira*, disponível em: <http://biblio.com.br>, acesso em 12/05/2001.
- CALDAS AULETE. *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa*. 2. ed. brasil. Rio de Janeiro: Delta, 1964.
- CARDOSO, Jayme Antônio & WESTPHALEN, Cecília Maria. *Atlas histórico do Paraná*. 2. ed. Curitiba: Livraria do Chain, 1986.
- CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário histórico das palavras portuguesas de origem tupi*. 2 ed. São Paulo: Melhoramentos, 1982.
- DICK, Maria de Paula do Amaral. “Aspectos genéricos da toponímia indígena brasileira e sua distribuição lingüística”. Em: *Toponímia e Antroponímia no Brasil*. Coletânea de Estudos. 2. ed. São Paulo: Ed. USP, 1990.
- ENCICLOPÉDIA DOS MUNICÍPIOS BRASILEIROS. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Vol. 31. Planejada e orientada por Jurandyr Pires Ferreira (Presidente do IBGE). Rio de Janeiro, 1959.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

- LIMA, Enezila de. *A Vila de Curitiba: 1765-1820 : um estudo da dinâmica econômico-social de uma comunidade*. Tese de doutoramento em História Social. São Paulo: Ed. USP, 1982.
- MELO, Gladstone Chaves de. *Para um dicionário de brasileirismos*. *Linguagem*, n.º 2, pág. 23-36. Rio de Janeiro: Presença, 1983.
- MORAIS SILVA, Antônio de. *Grande dicionário da língua portuguesa*. Lisboa: Confluência, 1949-1959.
- NASCENTES, Antenor. *Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 1943.
- _____. *O linguajar carioca*. Rio de Janeiro: Organizações Simões, 1953.
- SAMPAIO, Theodoro. *O tupi na geografia nacional*. 4 ed. Salvador: Ed. Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, 1955.
- TIBIRIÇÁ, Luiz Caldas. *Dicionário de Topônimos Brasileiros de Origem Tupi: Significados dos nomes geográficos de origem tupi*. Santos: Traço Editora, 1985.
- _____. *Dicionário tupi português: com esboço de gramática de Tupi Antigo*. São Paulo: Traço Editora, 1984.